

A Concepção Virginal de Cristo¹

“*The Virginal Conception of Christ*”, de Jonathan Sarfati²

Primeira publicação: *Apologia* 3(2):4–11, 1994;

Última atualização: 24 Dezembro 2014

1 Definição

Quando cristãos bíblicamente informados falam sobre ‘nascimento virginal’ eles realmente querem dizer ‘concepção virginal’ (*virginitas ante partum*), isto é, que Cristo, a segunda pessoa da Trindade encarnada, não teve pai biológico humano. A doutrina da concepção virginal é escritural e afirmada por cristãos primitivos como Ignácio (AD – c. 108), Justino, o Mártir (c. 100 – c. 165), Ireneu (c. 130 – c. 200), e Tertuliano (c. 150 – c. 212). Entretanto, nada houve de miraculoso a respeito do nascimento. A verdadeira doutrina da concepção virginal deve ser distinguida de algumas falsas visões:

a) *Virginitas in partum*: Maria deu à luz de uma maneira a não sentir dores de parto e manter intacto o seu hímen. Este ensinamento foi primeiramente encontrado na gnóstica *Ascensão de Isaías* (final do século I)³, e também encontrado no *Protoevangelho de Tiago*⁴ datado do final do século II. Entre os escritores cristãos primitivos o ensinamento foi primeiramente citado por Clemente de Alexandria no terceiro século, mas foi rejeitado por Tertuliano⁵ (155/160 – 220) e Orígenes⁶ (185 – 254). É inconsistente com a citação de Lucas de “todo macho que abre a madre” (Lc 2:23, cf. Ex 13:2 (N. do T.)). E se a interpretação católica romana de Ap 12.2 é correta e a mulher é Maria, então existe ainda mais espaço para a rejeição da ideia de que Maria não sofreu dores de parto.

b) *Virginitas post partum* ou virgindade perpétua: Este ensinamento não apareceu antes do *Protoevangelho de Tiago*. Tertuliano, apesar de suas tendências ascéticas⁷, também opôs-se fortemente a esta doutrina⁸. Católicos romanos justificam esta doutrina com base na afirmação de Maria a Gabriel, “Eu não conheço varão” (Lc 1:34). Eles interpretam essa passagem como significando “Eu fiz um voto de nunca conhecer varão”. Esta interpretação foi primeiramente sugerida por Gregório de Nyssa (335 – 394)⁹, mas existem duas dificuldades aqui: primeira, o verbo conhecer (γινώσκω; *ginōskō*) está no presente do indicativo ativo, o qual não deveria ser lido como uma futura intenção, e segundo, ela já estava desposada com José (v. 27). Mt 1:25: “e [José] não a conheceu até que deu à luz seu filho [...]” também descarta um casamento sem relacionamento íntimo – apagando as palavras depois de “conheceu” seria a maneira correta de ensinar esta doutrina.

¹ Tradução por J. W. S. de Vargas com a permissão de creation.com.

² Texto original disponível em creation.com/the-virginal-conception-of-christ.

³ Hilda Graef, *Mary: A History of Doctrine and Devotion* 1:34, Sheed and Warde, NY, 1963.

⁴ (N. do T.) Denominam-se protoevangelhos os evangelhos apócrifos ou partes de outros livros canônicos que tenham a forma dos evangelhos.

⁵ Graef, op. cit., p. 43.

⁶ Idem, p. 45.

⁷ (N. do T.) Ascetismo: negação completa dos prazeres físicos em nome da espiritualidade; antônimo de Hedonismo.

⁸ Graef, op. cit., p. 34.

⁹ Graef, op. cit., p. 67.

O fato de que os irmãos (ἀδελφοὶ; *adelphoi*) estavam com Maria (Mt 12:46-50) sugere que eles eram seus meios-irmãos, filhos de Maria e José (ensinado por Helvídio [séc. IV] e Protestantes). A visão ortodoxa oriental é de que eles eram filhos de José em um casamento anterior (primeiramente afirmado no séc. III e defendido por Epifânio no séc. IV)¹⁰. Os católicos romanos os veem como primos (primeiramente afirmado por Jerome¹⁰ (331 – 420)), apesar de que a palavra συγγενῆς (*syngenēs*, parente, primo, usado para Maria e Isabel em Lc 1:36) poderia ter sido usada para expressar isso, assim como outra palavra grega ἀνεψιὸς (*anepsios*, Cl 4:10). É verdade que *adelphoi* pode, às vezes, significar ‘primos’, mas o sentido de ‘irmãos’ segue “um básico, mas às vezes negligenciado princípio hermenêutico. Ou seja, na ausência de constrangedoras considerações exegéticas e hermenêuticas, nós deveríamos evitar os usos gramaticais mais raros quando os comuns fazem sentido”¹¹.

c) Concepção imaculada – não se referindo à concepção de Jesus, mas à de Maria, isto é, Maria foi concebida na maneira humana normal, porém livre da mácula do pecado original. Este dogma não foi definido por Roma até 1854. Ele é contradito pelo fato de que Maria admitiu necessitar de um salvador (Lc 1:46-47) e trouxe uma oferta pelo pecado ao templo (Lc 2:21-24, cf. Lv 12:6-8. Ver também Rm 3:23). O *Dicionário Bíblico Smith* aponta que não existe traço desta doutrina nos Pais da Igreja nos primeiros cinco séculos, e que de fato Maria foi criticada por Tertuliano, Orígenes, Basílio, o Grande (329 – 379) e João Crisóstomo (350 – 407)¹². Alguns destes criticismos a alguém que era “bendita entre as mulheres” (Lc 1:42) são muito injustos, mas o ponto é que esses cristãos primitivos claramente não acreditavam que Maria não tinha pecado. A estudiosa católica romana Hilda Graef cita comentários críticos desses pais, e também assinala que Ireneu ensinou que ela não era livre de faltas humanas¹³, e que o grande Trinitário Athanásio (293 – 373), enquanto não atribuía pecados de verdade a ela, afirmou que “maus pensamentos” vieram à sua mente¹⁴. Graef admite que isto “[...] mostra que a imagem de sem manchas, perfeita, imaculada virgem não havia emergido ainda nas mentes dos pais do quarto século”.

2 Significância Teológica da Concepção Virginal

O estudioso do Novo Testamento C.E.B. Cranfield¹⁵ faz quatro pontos, que eu resumo a seguir:

a) A concepção virginal não prova a encarnação, nem diz que ela não poderia ter acontecido de outra maneira. Mas aponta para a união de Deus e homem em Cristo;

¹⁰ Artigo sobre ‘Irmãos do Senhor’, *The Illustrated Bible Dictionary*, IVP, Part 1, pp. 207–8, 1982.

¹¹ S. Lewis Johnson; em: Stanley D. Toussaint and Charles H. Dyer, *Essays in Honor of J. Dwight Pentecost*, Moody Press, Chicago, p. 187, 1986. Johnson está atualmente defendendo a tradução de *kai* como ‘e’ em Gl 6:16, mas o seu argumento ainda se aplica.

¹² F. Meyrick em *Smith’s Bible Dictionary*; citado em: Harriet Beecher Stowe, *Women of Sacred History*, Portland House, NY, pp. 175–76, primeira publicação em 1873, reimpresão em 1990.

¹³ Graef, op. cit., p. 40.

¹⁴ Graef, op. cit., p. 53.

¹⁵ C.E.B. Cranfield, “Some Reflections on the Subject of the Virgin Birth”, *Scot. J. Theol.* **41**:177–89, 1988. Este estudioso do NT rebate muitos argumentos contra a concepção virginal.

b) Deus fez um novo começo do curso da história da sua criação ao se tornar parte dela, vindo para resgatar a humanidade caída do pecado;

c) Jesus é verdadeiramente humano. A segunda pessoa da Trindade tomou a completa natureza humana enquanto permanecia plenamente Deus;

d) “A concepção virginal atesta o fato de que a redenção da sua criação por Deus foi somente pela graça. [...] Nossa humanidade, representada por Maria, nada mais faz que aceitar – e até mesmo essa aceitação é um gracioso presente de Deus”.

Também era necessário que Jesus fosse fisicamente descendente de Maria, para que ele cumprisse as profecias de que ele seria um descendente de Abraão, Jacó, Judá e Davi. Também, o *Protoevangelho* de Gn 3:15, considerado como messiânico tanto pelos cristãos primitivos quanto pelos Targuns¹⁶ judeus, refere-se a ele como sendo “da semente da mulher”. Isto tem suporte em Gl 4:4, “[...] Deus enviou seu Filho, nascido (*genomenon*) de mulher [...]”. Mais importante, para Jesus ter morrido por nossos pecados, Jesus, o “último Adão” (1Co 15:45), tinha que partilhar da nossa humanidade (Hb 2:14), assim necessita ter sido nosso parente via descendência comum do primeiro Adão, como Lc 3:38 diz. De fato, sete séculos antes da sua encarnação, o profeta Isaías falou dele como literalmente o ‘Parente Remidor’, isto é, um que é parente de sangue daqueles que redime (Is 59:20, usa o mesmo termo hebraico *goel* que é usado para descrever Boaz em relação a Noemi em Rt 2:20, 3:1 - 4:17). Para responder à questão sobre o pecado original, o Espírito Santo ‘cobriu com a sua sombra’ a Maria (Lc 1:35), prevenindo que qualquer natureza pecaminosa fosse transmitida.

3 Velho Testamento

a) Gn 3:15: “E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente, esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” (ARA)

Muitos tem interpretado a ‘semente’ neste verso como o Messias, inclusive os Targuns Judeus¹⁶, daí a expressão talmúdica “calcanhar do Messias”¹⁷. Os escritores da Igreja primitiva denominaram-no *protevangeliion*, ou primeira menção do Evangelho na Bíblia. Este versículo faz alusão à concepção virginal, visto que o Messias é chamado de semente da mulher, contrariamente à prática bíblica normal de informar o pai ao invés da mãe de uma criança (cf. Gn capítulos 5 e 11, 1Cr capítulos 1-9). O pronome *hû*’ (*ele* esmagará a tua cabeça (NVI), *este* te ferirá a cabeça (ARA)) pode ser traduzido como “*ele*”, “*este*” ou “*eles*”¹⁸. Um pronome feminino (“*ela*”) teria as consoantes *hî*’. A Septuaginta¹⁹ (LXX) traduziu o pronome *hû*’ como *αὐτὸς* (*autos*), apesar de o antecedente *σπέρματος* (*spermatos*) ser gramaticalmente neutro¹⁸. Isto sugere que os tradutores da Septuaginta tinham um entendimento messiânico da passagem. A Vulgata Latina traduz erroneamente *hû*’ como *ipsa* (“*ela*”), o que é seguindo pela tradução católica romana Douay-Rheims para o inglês.

¹⁶ Paráfrases aramaicas do AT originadas nos últimos séculos antes de Cristo, praticadas em escrita até cerca de 500 d.C.. Ver F.F. Bruce, *The Books and the Parchments*, Fleming H. Revell Co., Westwood, p. 133, Rev. Ed. 1963.

¹⁷ A.G. Fruchtenbaum, *Apologia* 2(3):54–58, 1993.

¹⁸ Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis: Chapters 1–17* (R.K. Harrison, Gen. Ed., *New International Commentary on the Old Testament*, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI, 1990), p. 119.

¹⁹ Septuaginta é uma tradução grega do AT elaborada por volta de 250 a.C., que teve uso muito difundido pelos judeus fora de Israel nos tempos do NT.

Alguns católicos romanos usam isto para ensinar que Maria esmagaria a cabeça da serpente. A sua principal justificativa é que alguns manuscritos hebreus apontam as consoantes²⁰ de *hû'* (הוּ) de modo a pronunciar a palavra no gênero feminino²¹. De qualquer maneira, basear um dogma em rara pontuação vocálica (que, de qualquer modo, não é inspirada) é insensato.

Em Gn 4:1 no original hebraico, há uma interessante expressão de Eva depois do nascimento de Caim: literalmente “Eu alcancei um homem: YHWH”, ou “Eu recebi um homem, a saber, Jeová”, como coloca Martinho Lutero²². O estudioso cristão do hebraico, Dr. Arnold G. Fruchtenbaum, apoia esta interpretação argumentando que a palavra YHWH é precedida pela partícula acusativa não traduzida *'et*, que demarca o objeto do verbo, neste caso “alcancei”²³. O *Targum de Jerusalém* lê: “Eu tenho alcançado um homem: o anjo de Jeová”, enquanto o *Targum Pseudo-Jonathan* diz: “Eu tenho alcançado, para um homem, o anjo de Jeová”²⁴.

Ele [N. do T. Fruchtenbaum] acredita que a afirmação de Eva mostra que ela entendeu que a semente seria ambos, Deus e homem, mas ela estava grosseiramente errada em acreditar que Caim era a semente em questão²⁵. O *Midrash Rabbah* também cita o Rabi Akiva admitindo que a construção hebraica aparentaria implicar que Eva pensou estar gerando YHWH, o que criou dificuldades de interpretação para eles, o que requer a tradução “com a ajuda do SENHOR”²⁶ - conforme também traz a ARA.

Hamilton defende a tradução “Eu tenho alcançado um homem de Yahweh”²⁷, que é essencialmente a mesma da KJV (N. do T. – *King James Version*), e não aparenta apoiar a tradução alternativa anterior “com a ajuda do SENHOR”.

b) Is 7:1-17²⁸:

¹ Sucedeu, pois, nos dias de Acáz, filho de Jotão, filho de Uzias, rei de Judá, que Rezim, rei da Síria, e Peca, filho de Remalias, rei de Israel, subiram a Jerusalém, para pelejarem contra ela, mas nada puderam contra ela.

² E deram aviso à casa de Davi, dizendo: A Síria fez aliança com Efraim. Então se moveu o seu coração, e o coração do seu povo, como se movem as árvores do bosque com o vento.

²⁰ Um manuscrito divinamente inspirado original do AT hebraico continha apenas consoantes, assim como a maioria da literatura hebraica moderna. Poucos séculos depois de Cristo, escribas indicaram o que eles pensaram ser as corretas vogais por meio de certos sinais junto às consoantes. Um único ponto abaixo da consoante (*hireq*), neste caso *he* e *'i* “ omoc lagov ad mos o acidni ,nfaria *hû'* soar como *hi'*. A maioria dos textos hebraicos tem um ponto à meia-esquerda (*shureq*) do *vav* odnezaf ,f-o soar como *'u*. Os pontos vocálicos não foram padronizados até o século VII ou VIII pelos massoretas. Ver Gleason L. Archer, *Encyclopedia of Bible Difficulties*, Zondervan, Grand Rapids, Michigan p. 40, 1982.

²¹ R.E. Brown, K.P. Donfried, J.A. Fitzmyer and J. Reumann (eds.), *Mary in the New Testament: A Collaborative Assessment by Protestant and Roman Catholic Scholars*, Fortress Press/Paulist Press, Philadelphia, p. 29, 1978.

²² Hamilton, op. cit., p. 221.

²³ A.G. Fruchtenbaum, *Messianic Christology*, Ariel Ministries, Tustin, CA, USA, pp. 15–16, 1998.

²⁴ Citado em Fruchtenbaum, op. cit., p. 15.

²⁵ Ver também Walter Kaiser, Jr., *Toward an Old Testament Theology*, Zondervan, Grand Rapids, MI, p. 37, 1978.

²⁶ Citado em Fruchtenbaum, op. cit., p. 16.

²⁷ Hamilton, op. cit., p. 219 e 221.

²⁸ Ver também Fruchtenbaum, op. cit., p. 34–37.

- ³ Então disse o Senhor a Isaías: Agora, tu e teu filho Sear-Jasube, saí ao encontro de Acaz, ao fim do canal do tanque superior, no caminho do campo do lavandeiro.
- ⁴ E dize-lhe: Acautela-te, e aquieta-te; não temas, nem se desanime o teu coração por causa destes dois pedaços de tições fumegantes; por causa do ardor da ira de Rezim, e da Síria, e do filho de Remalias.
- ⁵ Porquanto a Síria teve contra ti maligno conselho, com Efraim, e com o filho de Remalias, dizendo:
- ⁶ Vamos subir contra Judá, e molestemo-lo e repartamo-lo entre nós, e façamos reinar no meio dele o filho de Tabeal.
- ⁷ Assim diz o Senhor DEUS: Isto não subsistirá, nem tampouco acontecerá.
- ⁸ Porém a cabeça da Síria será Damasco, e a cabeça de Damasco Rezim; e dentro de sessenta e cinco anos Efraim será destruído, e deixará de ser povo.
- ⁹ Entretanto a cabeça de Efraim será Samaria, e a cabeça de Samaria o filho de Remalias; se não o crerdes, certamente não haveis de permanecer.
- ¹⁰ E continuou o Senhor a falar com Acaz, dizendo:
- ¹¹ Pede para ti ao Senhor teu Deus um sinal; pede-o, ou em baixo nas profundezas, ou em cima nas alturas.
- ¹² Acaz, porém, disse: Não pedirei, nem tentarei ao Senhor.
- ¹³ Então ele disse: Ouvi agora, ó casa de Davi: Pouco vos é afadigardes os homens, senão que também afadigareis ao meu Deus?
- ¹⁴ *Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel.*
- ¹⁵ Manteiga e mel comerá, quando ele souber rejeitar o mal e escolher o bem.
- ¹⁶ Na verdade, antes que este menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra, de que te enfadas, será desamparada dos seus dois reis.
- ¹⁷ Porém o Senhor fará vir sobre ti, e sobre o teu povo, e sobre a casa de teu pai, pelo rei da Assíria, dias tais, quais nunca vieram, desde o dia em que Efraim se separou de Judá.” (*N. do T. Almeida Corrigida e Revisada Fiel*²⁹)

O contexto desta passagem é que uma aliança estava ameaçando o idólatra rei Acaz. Ele não apenas estava em perigo, mas a casa de Davi estava ameaçada de extinção. Portanto, Isaías, falando à casa de Davi (como mostrado pela forma plural de “você” [*N. do T.* “vos”] no original hebraico do v.13), afirmou que um sinal para eles seria uma virgem conceber. Para confortar Acaz, Isaías profetizou que antes que um menino (o filho de Isaías, Sear-Jasube, que estava presente, v. 3) alcançasse a idade de distinguir entre o certo e o errado, a aliança seria destruída (v. 15-17). É importante reconhecer que a passagem contém uma referência dupla, assim, existe uma diferença entre as profecias a Acaz apenas (indicadas pela forma singular de “você” no hebraico - *atah* אַתָּה) e à casa de Davi como um todo (indicada pela forma plural - *lachim* לָכֶם). Alguns anticristãos, começando pelo comentarista medieval judeu David Kimhi³⁰, falharam em entender isto e interpretam erroneamente o filho Emanuel como um sinal a Acaz, possivelmente o filho divino de Acaz, Ezequias.

Aqui o termo para virgem é עלמה (*‘almāh*). Alguns liberais³¹ e judeus ortodoxos alegam que a palavra realmente significa ‘jovem mulher’, e isto se reflete nas traduções bíblicas como NEB, RSV, NRSV e GNB [*N. do T.* Respectivamente, *New English Bible*, *Revised Standard Version*, *New Revised Standard Version* e *Good News Bible*; algumas traduções para o Português que contém a expressão são SBB (Sociedade Bíblica Britânica) e NTLH (Nova Tradução na Linguagem de Hoje)].

²⁹ Disponível em <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/is/7>>.

³⁰ ‘Immanuel’, *Encyclopedia Judaica* 8:1294–5, 1971 (Jerusalem: Keter).

³¹ J.S. Spong, *Rescuing the Bible from Fundamentalism: A Bishop Rethinks the Meaning of Scripture*, HarperSanFrancisco, 1991.

Tais pessoas falham em explicar porque uma jovem mulher dar um filho seria um sinal – isso acontece o tempo todo. A Septuaginta traduz *'almāh* como παρθένος (*parthenos*), a o termo normal para virgem³². Mais tarde, judeus como Trifão³³, oponente de Justino, o Mártir (cerca de 160 d.C.), e Rashi³⁴ (séc. XI) alegaram que a Septuaginta estava equivocada. Trifão afirmou que *'almah* deveria ser traduzida como *neanis* (jovem moça) ao invés de *parthenos*³⁵.

De todo modo, até Rashi admitiu que *'almāh* poderia significar 'virgem' em Ct 1:3 e 6:8. Na VKJ, a palavra é traduzida como 'virgem' em Gn 24:43 (Rebeca antes de seu casamento) [N. do T. As traduções para a língua portuguesa usam, em sua grande maioria, a palavra 'donzela'], 'moça' em Ex 2:8 (Miriã como menina) e Pv 30:19 [N. do T. Neste versículo as traduções para o português alteram entre 'virgem' e 'moça'], e 'donzelas' em Sl 68:25. Estes versículos contêm todas as ocorrências de *'almāh* no AT, e em nenhuma delas é demonstrado que pode significar uma não virgem. Na língua inglesa, 'moça' e 'donzela' são geralmente usados como sinônimos para virgem [N. do T. De certa forma isto também é válido na língua portuguesa, entretanto este fato perdeu importância com a contemporaneidade]. Vine *et al.* notam que o outro termo para virgem, בתולה (*b^etûlāh*), "ênfatisa mais virilidade que virgindade (apesar de ser usado com ambas as ênfases também)"³⁶. *b^etûlāh* é qualificado pela expressão "a quem varão não havia conhecido" em Gn 24:16, e é utilizado para uma viúva em Jl 1:8. Outras evidências vêm de tábuas de barro encontradas em 1929 em Ugarit, na Síria. Aqui, em aramaico, uma palavra similar a *'almāh* é utilizada para uma mulher solteira, enquanto em alguns vasos de encantamento aramaicos, uma correspondente aramaica de *b^etûlah* é usada para uma mulher casada³⁷. A Enciclopédia Judaica, enquanto critica a tradução de *'almāh* em Is 7:14 como 'virgem' também argumenta que *btl* era usado para a deusa Astarote com quem Baal tinha relações³⁸.

4 Milagres

Teólogos liberais afirmam por vezes que o homem científico moderno não pode acreditar nos milagres amplamente aceitos nas eras mais antigas. As seguintes razões têm sido promovidas, mas elas são todas falaciosas:

- *Os antigos eram mais ignorantes que os modernos.* Nesse tempo, eles não tinham conhecimento científico, e podiam acreditar em milagres como a concepção virginal. Agora que nós nos desenvolvemos cientificamente e nos modernizamos, sabemos como bebês são concebidos, portanto não deveríamos

³² H.G. Liddell and R. Scott, *A Greek-English Lexicon*, Clarendon, Oxford, 1869; W.F. Arndt and F.W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, University of Chicago Press, p. 627, 2nd ed. 1971.

³³ 'Disputations and Polemics', *Encyclopedia Judaica* 6:79–103.

³⁴ A.G. Fruchtenbaum, *Jesus was a Jew*, Ariel Ministries, Tustin, CA, p. 32, 1981.

³⁵ Graef, *op. cit.*, p. 37.

³⁶ W.E. Vine, M.F. Unger and W. White, Jr., *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words*, Thomas Nelson, NY, 1985.

³⁷ C.H. Gordon, *J. Bible & Religion* 21:106, April 1953; E.J. Young, 'The Old Testament', in C.F.H. Henry (ed.), *Contemporary Evangelical Thought* Channel Press, NY, 1957; ambos citados em W. Jackson, *Biblical Studies in the Light of Archaeology* Apologetics Press, Montgomery, AL, 1982.

³⁸ 'Virgin, Virginité', *Encyclopedia Judaica* 16:159–160, 1971 (Jerusalem: Keter).

acreditar nessas histórias. **Comentário:** os antigos sabiam muito bem como os bebês são gerados – necessitando de homem e mulher, apesar de não conhecerem certos detalhes sobre espermatozoide e óvulo. De fato, José (Mt 1:19) e Maria (Lc 1:34) questionaram o anúncio da concepção virginal porque eles sabiam os fatos da vida, não o contrário! Similarmente, antigos não tinham conhecimentos sobre hidrólise bacteriana de aminoácidos básicos, catalisada por enzimas, produzindo diaminoalcanos que estimulam fortemente os receptores olfativos, mas eles sabiam que um corpo iria cheirar mal depois de poucos dias, e eles informaram a Jesus disso antes que ele ressuscitasse Lázaro dos mortos.

- *Os antigos eram mais crédulos que os modernos.* **Comentário:** mas muitos antigos não aceitaram relatos de milagres, especialmente o nascimento virginal de Cristo e a sua ressurreição. Reciprocamente, hoje, todos os jornais propensos ao evolucionismo promovem a astrologia (horóscopo), e consideram a aceitação total da geração espontânea juntamente com o estabelecimento evolucionista, apesar de este ter sido refutado por Louis Pasteur. Isto fala muita coisa sobre a credulidade do homem moderno!
- *A ciência refutou os milagres.* **Comentário:** o argumento é que os milagres violam as leis científicas, e essas leis não possuem exceções, portanto milagres não podem ocorrer. Mas nós somente sabemos que as leis científicas são universais se soubermos, de antemão, que os relatos milagrosos são falsos. De fato, o argumento é circular. O argumento também tem uma falsa visão das leis científicas – elas são descritivas, não prescritivas. As leis não causam ou proíbem qualquer coisa mais do que o contorno de um mapa causa a forma de uma linha costeira. Mas, se Deus fez os céus e a terra, a concepção virginal não é problema para ele.
- *As descrições bíblicas dos milagres são mitos, não história.* Mas isto vem do dogma liberal de que milagres não podem ocorrer, assim todos os relatos são mitos. Mas a maioria dos teólogos liberais não tem ideia do que realmente é um mito. C.S. Lewis, um professor de literatura, sabia muito bem o que era um mito, e não pôde encontrar qualquer traço de mitologia no NT. O NT possui sóbrios e verídicos relatos, e entrevistas com testemunhas oculares (Lc 1:1-4) e discorre sobre uma figura histórica que todos conheceram. Nós deveríamos olhar para todas as adjeções nos posteriores Gnósticos e, então denominados evangelhos, para ver o que realmente são mitos. Por exemplo, o *Evangelho de Tomé* mostra o menino Jesus fazendo com que uma criança ficasse mirrada, outra criança morresse e, quando os pais dessa última foram reclamar com José, ficaram cegos.
- *Acreditar na concepção virginal e outros milagres compromete a pessoa a acreditar em toda sorte de superstições.* **Comentário:** isto é tão logicamente falacioso quanto acreditar nas promessas de um político compromete a pessoa a acreditar nas promessas de todos os políticos. Além disso, as sóbrias narrativas em Mateus e Lucas contrastam com as lendárias adjeções nos “evangelhos” gnósticos.

5 Confiabilidade das narrativas do nascimento de Cristo

a) O censo: Uma das muitas objeções à descrição de Lucas é um alegado erro a respeito do censo nos dias de Quirino (Lc 2:2). O problema alegado é que Quirino não se tornou governador até cerca de 7 d.C. de acordo com Josefo, enquanto Cristo nasceu antes de Herodes, o Grande, morrer em 4 a.C.. Porém, o estudioso do NT, N.T. Wright³⁹, argumenta que *πρῶτος* (*prōtos*) não apenas significa ‘primeiro’, mas, quando seguido pelo genitivo pode significar ‘antes’ (cf. Jo 1:15, 15:18). Portanto, o censo nos tempos do nascimento de Cristo foi um que ocorreu antes que Quirino governasse a Síria (At 5:37 prova que Lucas estava ciente do último fato). Outra possível solução é que Quirino governou a Síria por duas vezes, a primeira cerca de 7 a.C. e novamente por volta de 7 d.C., o que é apoiado por certas inscrições⁴⁰. Neste cenário, o uso de *prōtos* por Lucas se refere ao primeiro censo em 7 a.C., ao invés do bem conhecido de 7 d.C..

Alguém poderia ser cético sobre as acusações de erro nos escritos de Lucas, pois o arqueólogo Sir William Ramsay afirmou: “Lucas é um historiador do mais alto nível; suas afirmações de fato não são simplesmente confiáveis [...] este autor deveria ser colocado entre os maiores dos historiadores”⁴¹.

b) As genealogias: céticos alegam que as genealogias de Cristo nos evangelhos de Mateus e Lucas contradizem a si mesmas e o Antigo Testamento. Há três principais áreas de interesse:

1 – Mateus supostamente errou ao deixar alguns nomes de fora. Eis as omissões:

Mt 1:8 pula de Jorão (ou Jeorão) para Uzias (ou Azarias), mas 1Cr 3:11-12 acrescenta os nomes Acazias, Joás e Amazias:

“¹¹De quem foi filho Jorão; de quem foi filho Acazias; de quem foi filho Joás;
¹²De quem foi filho Amazias; de quem foi filho Jotão;” (*N. do T. Almeida Corrigida e Revisada Fiel*⁴²).

O fato de que Uzias era outro nome para Azarias é mostrado em 2Cr 26, onde Uzias também é relatado como o filho de Amazias e o pai de Jotão.

Mt 1:11 pula de Josias para Jeconias (Jeoiaquim), mas 2Rs 23:34 e 2Rs 24:6 mostram que Jeoiaquim (nome modificado de Eliaquim) era filho de Josias e pai de Jeconias.

³⁹ N.T. Wright, *Who was Jesus*, SPCK, Great Britain, p. 89, 1992. Este livro é uma excelente crítica, por um estudioso do NT, de três recentes livros anticristãos: 1) Barbara Thiering, *Jesus the Man: A New Interpretation from the Dead Sea Scrolls*; 2) A.N. Wilson, *Jesus*, Sinclair-Stevenson, London, 1992; 3) J.S. Spong, *Born of a Woman: A Bishop Rethinks the Birth of Jesus*, HarperSanFrancisco, 1992.

⁴⁰ Gleason L. Archer, *Encyclopedia of Bible Difficulties*, Zondervan, Grand Rapids, Michigan, 1982; W. Ramsay, *Bearing of Recent Discoveries on the Trustworthiness of the New Testament*, Baker, Grand Rapids, Michigan, p. 223 ff, 1953.

⁴¹ W. Ramsay, *Bearing of Recent Discoveries on the Trustworthiness of the New Testament*, Baker, Grand Rapids, Michigan, p. 222, 1953.

⁴² Disponível em <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/1cr/3>>.

Mas Mateus *intencionalmente* deixou alguns nomes de fora, portanto não é um erro. É também comum na escritura usar ‘filho’ para referir-se a ‘descendente’, assim Mateus estava usando convenções de linguagem perfeitamente aceitáveis do seu tempo. De fato, o primeiro versículo do evangelho de Mateus diz “[...] Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão”, que é outra pista de que Mateus estava deliberadamente não apresentando uma genealogia exaustiva. E Mt 1:17 torna claro que ele está selecionando três grupos de catorze, possivelmente porque as letras hebraicas no nome de Davi somam 14, ou porque $14 = 2 \times 7$ (o número ‘sete’ por vezes simboliza completude, cumprimento ou perfeição na Bíblia).

É importante notar que a clara indicação de que Mateus possui deliberadamente lacunas não é desculpa para os intérpretores colocarem lacunas nas genealogias de Gn 5 e 11. Em Gênesis, a gramática é muito diferente e mostra explicitamente uma cronologia estrita. Ver o artigo “*Biblical Chronogenealogies*”⁴³ [N. do T. Cronogenealogias Bíblicas] .

- 2 – Lc 3:36 adiciona o nome Cainã, que não está listado em Gn 11:12 (e 1Cr 1:18). Mas o extra Cainã é provavelmente um dos muito poucos erros de copistas nos manuscritos disponíveis hoje. De qualquer forma, visto que Gn 11 é uma cronologia estrita, e que aqueles que copiaram os manuscritos hebraicos do AT eram muito mais cuidadosos que aqueles que copiaram os manuscritos gregos do NT, é mais provável que Cainã não estava no original escrito por Lucas. Isto é fortemente apoiado pela sua ausência nos mais antigos manuscritos conhecidos de Lucas, ou em quaisquer comentários de estudiosos judeus e cristãos antes de 220 d.C.. Para mais informação, ver a discussão em “*Cainã: Como se explica a diferença entre Lc 3:36 e Gn 11:12?*”⁴⁴
- 3 – Céticos alegam que as genealogias de Mateus e Lucas são contraditórias, pois elas supostamente apontam pais diferentes para José, o marido de Maria.

Entretanto, Lucas está traçando a linhagem de Maria, mostrando que ela também era descendente de Davi, conforme implicado em Lc 1:32. Reciprocamente, Mateus traçou a linhagem legal de José até Davi, mas esta linhagem foi amaldiçoada por causa de Jeconias (Jr 22:17-30). Esta maldição significa que se José tivesse sido o pai biológico de Jesus, então Jesus não seria elegível para ocupar o trono de Davi. Aqui seguem algumas razões pelas quais Lucas deveria ser compreendido como fornecendo a linhagem de Maria:

- A narrativa de Lucas da natividade apresenta principalmente a perspectiva de Maria, enquanto Mateus apresenta a perspectiva de José. Assim, os leitores do original grego compreenderiam que os escritores tinham a intenção de apresentar, respectivamente, as linhas de Maria e José.

⁴³ Disponível em <<http://creation.com/biblical-chronogenealogies>>.

⁴⁴ Disponível em <<http://creation.com/article/3251>>.

- A razão pela qual Lucas não mencionou Maria explicitamente é que as regras de listagem ancestral judaica deixavam de fora os nomes das mães.
- Um claro apontamento para o fato de que a genealogia de Lucas é a linhagem de Maria é que o texto grego tem um artigo definido antes de todos os nomes *com exceção do de José*. Qualquer falante do grego teria entendido que Eli deve ter sido o pai da esposa de José, porque a falta de um artigo significaria que ele inseriria José dentro dos parênteses (como se cuidava) em Lc 3:23. O grande gramático grego neotestamentário A.T. Robertson (1863-1934) escreve: “‘A ausência do artigo coloca o nome fora da série genealógica propriamente dita.’ – Godet. Isto pareceria indicar que José pertencia aos parênteses, ‘como se cuidava’. Seria lido, portanto, ‘sendo filho (como se cuidava de José) de Eli’. Lucas já havia claramente afirmado a maneira pela qual Cristo nascera, assim ninguém pensaria que ele era filho de José. Jesus seria, portanto, neto de Eli, um significado aceitável de ‘filho’”.⁴⁵ Nota: o original grego não possui pontuação ou mesmo espaços entre palavras. De fato, o Talmud judeu, não amigo da cristandade, datando dos primeiros séculos depois de Cristo, chama Maria de “filha de Eli”, que poderia vir apenas desse entendimento do que Lucas queria dizer.

6 O alegado silêncio de Marcos, João e Paulo

Alguns liberais, como John Shelby Spong, bispo episcopal de Newark em Nova Jérsey⁴⁶, superestima o silêncio alegado de Paulo ao afirmar que ele “permaneceu como uma testemunha de um processo humano normal de nascimento para Jesus”. De qualquer forma, argumentos vindos do silêncio são quase sempre inconclusivos, e este não é exceção. O seu alegado silêncio poderia significar que ele não viu razão para corrigir as histórias de concepção virginal que circulavam. Paulo certamente teria sido alertado dessas histórias, pois ele era companheiro de Lucas (At 16:10-17, 20:5 – 21:18, 21:1 – 28:16), e citou Lc 10:7 em 1Tm 5:18. Paulo não discute diretamente o processo de nascimento como um todo, assim, pela “lógica” de Spong, Paulo não acreditava que Jesus sequer nasceu! [Ver também “*What’s wrong with bishop Spong?*” (N. do T. “O que há de errado com o bispo Spong?”)]⁴⁷

De fato, Paulo usa linguagem que implica em aceitação da concepção virginal. Ele usa o verbo grego geral γίνομαι (*ginomai*), não γεννάω (*gennaō*) pois *ginomai* tende a associar o marido em Rm 1:3, Fp 2:7, e especialmente Gl 4:4, “Deus enviou Seu Filho, nascido (γενόμενον *genomenon*) de mulher”. Em contraste, em 4:23 Ismael “nasceu” (γεγέννηται *gegennētai*, de *gennaō*).^{48,49}

Marcos não tem narrativa do nascimento, mas é o único dos sinóticos que cita os objetores dizendo, “Não é este o carpinteiro, filho de Maria [...]?” (Mc 6:3, cf. Mt 13:55 e Lc 4:22)^{48,49}. Referir-se a um judeu como o filho de sua mãe era um grande insulto,

⁴⁵ A.T. Robertson, *A Harmony of the Gospels*, HarperSanFrancisco, NY, p. 261, 1922. Toda a seção p. 259–262 tem informação útil sobre harmonização.

⁴⁶ J.S. Spong, *Born of a Woman: A Bishop Rethinks the Birth of Jesus*, HarperSanFrancisco, 1992.

⁴⁷ Disponível em <<http://creation.com/article/2882>>.

⁴⁸ Artigos sobre ‘Virgem’ and ‘Nascimento Virginal’, *The Illustrated Bible Dictionary*, Part 3, p. 1625–6.

⁴⁹ Cranfield, op. cit..

implicando fornicação, então os objetores haviam provavelmente ouvido o relato da concepção de Cristo, e estavam céticos. É também aceitável que Marcos estava também ciente do relato.

João também não possui narrativa, mas ele é ciente dos rumores da ilegitimidade de Cristo quando ele relata em Jo 8:41 que os judeus declararam: “Nós (ênfase no pronome e na posição) não somos nascidos de prostituição”⁴⁸. Esta passagem, assim como Jo 1:13 e 6:41 provavelmente indicam que o evangelista acreditava na concepção virginal⁵⁰.

7 A teoria do *midrash* de Spong

No seu recente livro *Born of a Woman* [N. do T. Nascido de uma mulher] atacando a concepção virginal⁴⁷, Spong afirma que os relatos da concepção virginal são exemplos de gênero literário de *midrash*⁵¹ (pp. 18, 20, 184). Ele (des)entende *midrash* como se segue:

“*Midrash* representou esforços da parte dos rabis para provar, burlar e dissecar a história sagrada [Antigo Testamento] procurando por significados escondidos, preenchendo lacunas e procurando pistas da verdade ainda não revelada [...] Os evangelhos, muito mais do que pensávamos antes, são exemplos de *midrash* cristã. Nos evangelhos, a antiga história judaica seria reformada, recontada, interpretada, e até mesmo mudada de modo a lançar luz adequada na pessoa de Jesus. Nada houve de objetivo sobre a tradição do evangelho. Estes não foram biografias. Eles foram livros para a inspiração da fé. Forçar estas narrativas ao casaco-de-força de historicidade literal é violar a sua intenção, seu método, e sua verdade [...] uma vez que você adentre à tradição *midrash*, a imaginação é livre pra viajar e especular.”

De qualquer maneira, N.T. Wright³⁹ argumenta que Spong não sabe o que é *midrash*. Wright mostra que Spong ignora os mais respeitados *experts* atuais em *midrash*, como Geza Vermes⁵² e Jacob Neusner⁵³, pois eles não deixam espaço para a visão distorcida de Spong. Spong também ignora o rebote de Philip Alexander⁵⁴ do uso da palavra ‘*midrash*’ por Michael Goulder, no qual Spong se baseia. A verdadeira *midrash* consistia de um comentário precisamente sobre um texto bíblico real, era firmemente controlada e discutida, e nunca incluía a invenção de histórias que eram claramente vistas como não literais em intenção.

8 A alegada derivação pagã

Uma objeção comum à concepção virginal é que existem supostos paralelos na mitologia pagã, e. g. Perseu, o assassino da Medusa, nascido da mulher Dânae e gerado

⁵⁰ C.K. Barrett, *The Gospel According to John*, London, p. 164 e 348, 2nd ed. 1978.

⁵¹ N. do T. O termo *Midrash*, segundo a Enciclopédia Judaica, denota ‘exposição’, ‘exegese’, especialmente das Escrituras. Em contradição com a interpretação literal, *midrash* designa uma exegese que vai mais a fundo que o mero senso literal e tenta penetrar no espírito das Escrituras.

⁵² G. Vermes, *Post-Biblical Jewish Studies*, E.J. Brill, Leiden, 1975.

⁵³ J. Neusner, *Midrash in Context: Essays in Formative Judaism*, Scholars’ Press, Atlanta, 1988.

⁵⁴ P.S. Alexander, ‘Midrash and the Gospels’ in C. M. Tuckett (ed.) *Synoptic Studies*, JSOT Press, Sheffield, 1984 and ‘Midrash’ in R.J. Coggins and J.L. Houlden (eds.), *A Dictionary of Biblical Interpretation*, SCM, London, 1990. Alexander lida diretamente com alegada *midrash* em Lc 1-2 na p. 10.

por Zeus, o chefe do panteão grego. Zeus também gerou Hércules de Alcmena e Dionísio de Sêmele⁴⁹. Oponentes da cristandade desde Trifão e Celso⁵⁵, que foi refutado pelo *Contra Celsum* (Contra Celso) de Orígenes, até o presente, têm usado esta objeção, porém ela possui muitas falhas:

- Esta objeção comete a falácia genética, o erro de tentar refutar uma crença buscando pela sua fonte. Por exemplo, Kekulé imaginou a (correta) estrutura de anel da molécula de benzeno após um sonho de uma cobra agarrando a própria cauda; químicos não precisam se preocupar sobre o correto comportamento das cobras para analisar o benzeno! Similarmente, a verdade ou falsidade da cristandade é independente da verdade ou falsidade dos seus alegados paralelos.
- Quem derivou de quem? Muitas das lendas como Mitra vieram depois da cristandade e foram uma reação a ela.
- Os assim chamados paralelos não são paralelos de maneira alguma! Perseu não foi realmente concebido virginalmente, mas foi o resultado de uma relação sexual entre o lascivo deus Zeus e Dânae. Zeus havia previamente se tornado em chuva de ouro para chegar até a donzela aprisionada. Zeus também gerou Hércules de Alcmena e Dionísio de Sêmele. Similarmente, para tentar afirmar que a ressurreição de Cristo foi plagiada – os ciclos de morte-renascimento-morte no paganismo nada têm a ver com a primeira e única ressurreição de Jesus, e os deuses pagãos não morreram por nossos pecados. E as lendas de Osíris o deixaram enterrado, enquanto é um fato histórico que a tumba de Jesus foi achada vazia. Outros ditos paralelos são tão indignos quanto, portanto é sem sentido a multiplicação dos exemplos pelos estudiosos – zero vezes cem ainda é zero.
- Cristo foi uma figura histórica da qual escreveram pessoas que o conheciam – bem diferente dos paralelos mitológicos.
- Os cristãos primitivos eram judeus que abominavam paganismo (ver At 14), portanto seriam o último povo a derivar a cristandade do paganismo.
- A existência de falsificações não refuta o objeto real. Ninguém afirma que dinheiro de verdade não pode existir porque existe dinheiro falsificado. De fato, as coisas valiosas são as únicas a serem falsificadas – quem iria querer falsificar algo inútil? – portanto, a existência de falsificações é uma evidência indireta do objeto real. Claro, Satanás quer falsificar a Palavra de Deus. Nós devemos conhecer o objeto real (Palavra de Deus, e dinheiro também, apesar de muito menos importante) tão bem a ponto de prontamente identificar falsificações.

Muitos destes argumentos são discorridos em maior detalhe no artigo “*Was the New Testament influenced by pagan religions?*”⁵⁶ [N. do T. O novo testamento foi influenciado por religiões pagãs?] do estudioso Dr. Ronald Nash.

Conclusão

A concepção virginal de Cristo é uma doutrina vital das Escrituras, e tem resistido a uma grande variedade de assaltos céticos.

⁵⁵ J. Gresham Machen, *The Virgin Birth of Christ*, Harper & brothers, NY, Ch. 14, 2nd ed. 1932. Este livro do grande estudioso de Princeton é provavelmente o mais compreensível sobre o tema.

⁵⁶ Disponível em <<http://www.iclnet.org/pub/resources/text/crj/crj-jml/crj0169a.txt>>.